

Constança Marcondes Cesar

Universidade Federal de Sergipe

Na obra de Dalila Pereira da Costa, o tema da *viagem* aparece como travessia do mundo e metáfora da viagem interior, travessia da alma, em diversos textos.

Destacamos os escritos entre 1974 e 1999, uma vez que o tema é retomado, neles, sob diversas perspectivas.

Publicado em São Paulo, em 1979, um artigo resume a tese central: “A ‘Peregrinação’: uma ascese portuguesa”¹, descreve a aventura de Fernão Mendes Pinto, numa acidentada viagem ao Extremo Oriente, realizada no século XVI. Expõe a viagem como peregrinação e sacrifício. O testemunho de Fernão Mendes Pinto mostra a face do homem religioso que, após sucessivos naufrágios e perda total de riquezas devido a ataques de piratas ao longo de sua viagem ao Oriente, conseguiu regressar a Portugal, decorridos vinte e um anos. Retornou pobre, mas dando graças a Deus por ter conseguido voltar à pátria; considerava a experiência negativa como “remissão dos pecados”, aquisição de “riqueza ultra-terrena”, “salvação”². O sacrifício pessoal, a perda de bens materiais, foi considerada como experiência do desapego, de não-tesaurização, de doação de bens acumulados, “oferta ao sagrado”, para, em troca, “receber o dom da graça”, a salvação da alma.³

No *Peregrinação*, o que está em jogo é o louvor e a prece, como expressões da relação com Deus. A religião aí aparece como *confiança* e *amor*, de modo que qualquer resultado a que a vida encaminhe o homem, dá-se graças. A mensagem do Cristianismo é enfatizada como a de uma *religião de redenção*, que justifica o sofrimento pela aliança com o sagrado, purificação da alma; considera a evangelização como tarefa de doação de si e fraternidade. No texto em questão, o narrador diz que, tendo encontrado,

¹ PEREIRA DA COSTA, D. “A ‘Peregrinação’: uma ascese portuguesa”. *Cavalo Azul*, S.P. n° 8, maio-junho 1979.

² Id., *ibid.*, p.86.

³ Id., *ibid.*, p.88.

na China, portugueses lá perdidos, que já falavam pouco a língua materna, um dos participantes da expedição escreveu, em chinês, num caderno, para eles, “o *pater noster*, a Ave Maria, o credo, o salve regina, os mandamentos e (...) outras muitas orações boas”⁴. Recebidos pelos aldeões da terra a que chegaram, rezaram com eles as orações da sua fé. Daí Dalila dizer: “O reconhecimento, identificação e união fraterna entre os portugueses, através do vasto mundo”, faz-se mediante a fé e o caráter missionário das viagens marítimas⁵. Sabedoria, santidade, *caritas*: valores que orientam a realização da igreja, “como missão sem cessar se fazendo no tempo e no espaço (...) realização (...) do corpo místico de Cristo – pela reunião, em seu nome, de alguns portugueses” em vários cantos do mundo⁶.

Evidentemente, a leitura de Dalila não é ingênua. A busca do lucro caracterizou também, para alguns, a procura das riquezas e a violência da conquista. Mas o projeto original, que norteiam as navegações, teve um sentido mais amplo, de evangelização e conversão do mundo à vida do espírito. Sofisticadamente preparadas pela Escola de Sagres, as viagens implicavam sólido conhecimento científico e, ao mesmo tempo, submissão a um desígnio maior: o da peregrinação em busca da conversão pessoal e despojamento, em vista da salvação da alma.

O tema da viagem como travessia do espaço e travessia da alma já aparecia em dois textos anteriores de Dalila: *Duas Epopéias das Américas*, de 1974 e *A Nova Atlântida* de 1977.

Em *Duas Epopéias das Américas*, Dalila aborda, em parte do livro, a obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. O romance do autor brasileiro estabelece uma analogia entre travessia do sertão e a aventura da alma, a progressiva expansão da consciência do personagem principal, o jagunço Riobaldo, que o leva a assumir a trajetória do herói, na medida mesma em que seus feitos o conduzem ao um confronto consigo mesmo. Dalila propõe uma analogia entre a travessia do sertão e a travessia do mar, assinalada também por Elizabeth Hazin, especialista brasileira em Guimarães Rosa, que encontrou no acervo de Guimarães Rosa, na Universidade de São Paulo, textos da *Odisséia* anotados por Rosa, na época em que preparava o seu romance, e estabelecendo analogias entre viagem de Riobaldo e a viagem marítima de Odisseu.

⁴ Id., *ibid.*, p.99.

⁵ Id., *ibid.*, p.101.

⁶ Id. *ibid.*, p.103.

No texto de 1977, *A Nova Atlântida*, dedicado à poetisa paulista Dora Ferreira da Silva – editora da revista *Cavalo Azul*, no qual foi publicado o artigo “A Peregrinação” -- Dalila estabeleceu uma analogia entre a ação civilizadora dos gregos antigos e a de Portugal, na modernidade. Nos primórdios da civilização ocidental, os gregos buscavam a verdade, tesouro supremo; na modernidade, “os navegantes ibéricos seriam os continuadores de Ulisses”⁷, estabelecendo laços entre a busca da verdade e a viagem marítima. Primeiro, os cretenses e venezianos, no Mediterrâneo; depois, no Atlântico, os ibéricos. Na viagem, metafóricamente se realiza, entre os gregos, o milagre da razão liberta do mito, o percurso do mito ao logos; na península ibérica, dá-se a redescoberta do valor do mito, iluminado pela razão, que desdobra seu significado simbólico. Em Portugal, D. Henrique teria tido um papel análogo ao de Odisseu, entre os gregos: fazer nascer um cosmos do caos. Diz Dalila: “Aqui na Península, o Oriente e o Ocidente, a pré-história e a história, o mito e a razão (...) se unirão no exacto ponto e momento de 1500”⁸.

Um capítulo especialmente interessante, no livro, é o intitulado : “Os Lusíadas ou a procura da totalidade”, no qual, a partir de Camões, Dalila revê o significado e o papel de Portugal na história, no início da modernidade: unir Ocidente e Oriente, “pela descoberta do caminho marítimo para a Índia”⁹, estabelecendo, assim, uma compreensão una do mundo, pela complementaridade entre os opostos. A pensadora aponta, uma vez mais, analogias entre a saga da viagem marítima portuguesa e as viagens descritas na *Odisséia* e na *Eneida*. Representando seus respectivos povos, o grego e o romano, Odisseu e Enéias têm, nos poemas, papel análogo ao que Camões atribuiu a Vasco da Gama: a viagem não é só um percurso no espaço mas também ascese, iniciação, exposta através das figuras exemplares dos heróis e da travessia do tempo, dos naufrágios e da morte.

Para os portugueses, a terra sagrada que buscavam, espaço do tesouro material e espiritual é a Índia. Chegar até lá supõe a travessia do mar, prova e confronto com o monstruoso, o terrível, assimilado depois ao sagrado abissal, mistério tremendo que é preciso investigar, para ter acesso ao conhecimento.

⁷ Id., *A Nova Atlântida*. Porto: Lello & Irmão. Ed. ,1977, p.14.

⁸ Id., *ibid.*, p. 19.

⁹ Id., *ibid.*, p.109.

Conhecimento do caminho das Índias; mas também conhecimento que implica uma abolição do tempo e do espaço, o encontro entre eternidade e tempo. A finalidade da aventura é conhecer a verdade; unir os opostos - Oriente e Ocidente; o serviço de Deus, a difusão da fé; o encontro do próprio centro, pelo cumprimento de um destino espiritual. Na viagem, a Índia é a metáfora da transcendência, do espaço sagrado e paradisíaco. E a missão dos portugueses é “abrir e possuir o mar, e salvar a terra dos homens”¹⁰.

O percurso no espaço, através do mar, é metáfora do sacrifício e ascese, tarefa do herói que vai até o outro mundo – representado metaforicamente pela viagem ao Oriente e o retorno à pátria. Dois paraísos movem a busca: Portugal, no Ocidente, como pátria à qual regressar; a Índia, no Oriente, como terra sagrada, repleta de ouro e especiarias – metáforas das riquezas espirituais. Um duplo percurso: no espaço e na alma, é oferecido ao herói, Vasco da Gama; seu objetivo é a realização de uma obra universal, que cabe a Portugal e seu povo. Mar físico, é caminho e perigo; o mar simbólico é encontro com o mistério cosmogônico, com o sagrado em seu aspecto primordial. A Índia, o caminho da Índia, é também a tarefa “de reduzir as trevas à luz (...) o desconhecido ao conhecido (...) um caos a um cosmos”¹¹. É ainda caminho em direção a si mesmo, busca da sabedoria, rememoração e profecia do homem vindouro¹².

Em um texto mais recente, de 1999, *Dos mundos contíguos*, a estudiosa portuguesa oferece uma síntese, a nosso ver, de sua hermenêutica e dos símbolos da viagem. Desdobra, uma vez mais, o significado da viagem, reiterando que o objetivo dos navegadores era busca de saber e de riquezas materiais, mas sobretudo de conhecimento de si mesmos, despojamento perante as perdas e naufragos, auto-superação e obediência a uma missão de caráter religioso: difundir o cristianismo, evangelizar os povos, unir o mundo sob a égide do espírito, da generosidade e do amor.

Alargamento da consciência, procura do paraíso, ressonância de experiências místicas narradas por poetas e santos: as que possibilitam a aproximação entre eternidade e tempo, entendida como *regeneração*, *redenção* da *queda* e do *exílio* – metáforas da condição humana precária e mortal¹³.

¹⁰ Id., *ibid.*, p.120.

¹¹ Id., *ibid.*, p.125.

¹² Id., *ibid.*, p.133 e segs.

¹³ Cf. RICOEUR, P. *La symbolique du mal*. Paris:Aubier/Montaigne, 1960,*passim*.

Na tradição portuguesa, herdeira dos mitos celtas e do sufismo, das tradições medievais – a procura do paraíso é tema constante, entendida como *viagem* às ilhas sem males, extra-temporais. Esses mitos são retomados por Camões em *Os Lusíadas*, de modo que a viagem portuguesa aparece como caminho em direção à Índia, ao Oriente, mas também como metáfora da busca da terra paradisíaca, da riqueza espiritual. O poema de Camões, sublinha Dalila, termina com a entrada dos nautas na terra divina, da juventude eterna, da imortalidade: as *Ilhas Afortunadas*. A viagem se faz com um duplo escopo: *temporal*, descoberta e caminho através do mar; *simbólico*, de redenção e imortalidade, superação do tempo.

Essa temática: de unificação do *mundo*, estabelecendo laços entre o Oriente e o Ocidente; de unificação do *homem*, que alcança a sabedoria, o conhecimento que leva ao mundo suprasensível, à liberdade e ao amor, está presente, diz Dalila, no projeto de Santo Agostinho e de Paulo Orósio; o de construção, no tempo, de uma via para o Absoluto. E se expressa na vida de Portugal, na poesia de Camões, “na profecia de Bandarra, Vieira e Pessoa, no sebastianismo e Quinto Império”¹⁴, como busca do encontro entre eternidade e tempo, superação da morte, vivida na experiência extática como descreveram Santa Tereza, São Francisco e os místicos sufis¹⁵.

A viagem aparece, na tradição e lendas portuguesas, como busca desse estado de consciência alargada, análogo ao êxtase ou ao sonho, que diversos mitos assinalam. Dalila aponta similaridades entre lendas medievais, celtas, mitos sumerianos e o entrelaçamento, em Portugal, de mito e história, na figura de D. Sebastião.

O mar, o sono e o sonho, a morte, são metáforas das vias de acesso ao além do tempo, à eternidade. O estado alterado de consciência, que representa o reconhecimento da passagem entre tempo e eternidade, é expresso pelo herói Vasco da Gama, nos Descobrimientos e por poetas e profetas, nos tempos posteriores. Dalila estabelece uma analogia entre o tempo vivido pelos heróis na Ilha dos Amores, descrito por Camões, e a experiência iniciática dos Mistérios, na Grécia, que implicava o confronto com a morte. Orfeu, poeta e músico, era considerado o fundador dos Mistérios; era um mestre

¹⁴ PEREIRA DA COSTA, D. *Dos Mundos Contíguos*. Porto: Lello Ed., 1999, p. 18.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 25 e 27; 122 e segs.

espiritual que conhecia o poder da música “de purgar e elevar o homem (...)”¹⁶. É também aquele que enfrenta a morte, desce ao mundo dos mortos e de lá retorna..

Na poesia, na música, a inspiração estabelece o laço entre o homem e o sagrado, o encontro com o real absoluto. Poesia e música, poesia e ascese, poesia e filosofia, são etapas da ascensão do homem na busca da verdade. Na obra de Dionísio Areopagita, na música de Bach, Mozart, Beethoven, cumpre-se, “do lado humano [a] subida à fonte da vida”¹⁷,análoga à viagem metafórica da alma¹⁸.

A aventura marítima aparece, para Dalila, como uma aventura *soteriológica*, busca do mundo arquetípico, que une o passado e futuro. A viagem dos nautas é uma das metáforas que mostram, no tempo e no espaço, a busca do sagrado, do absoluto. É obediência a um mandato do céu, de criação de uma comunidade espiritual; é desindividualização, santificação pessoal, santificação do mundo, levada a cabo por um povo e seus governantes. A ascese que este esforço implicou expõe uma tradição religiosa que inspirou reis e o messianismo português ulterior, de Bandarra a Vieira, até “os poetas e filósofos de *A Águia*, Pascoaes, Leonardo Coimbra e seus discípulos, Álvaro Ribeiro, José Marinho (...)”¹⁹.

O percurso dessa tradição está marcado pela aventura de partir e regressar a uma pátria; ao cumprimento da vida como ascese e redenção, à compreensão do tempo do ponto de vista do eterno, como o *Regresso ao Paraíso*, de Pascoaes, expressaria²⁰, bem como a atuação dos mestres da *Renascença Portuguesa*. Nessa perspectiva, a esperança da unificação do mundo sob a égide do amor, expõe-se contemporaneamente como unidade do mundo de língua portuguesa, como realização do V Império mítico através do Atlântico e da união das raças lusíada, índia e negra, tendo o Brasil, nessa renovação do mundo, papel importante: o de expressar o amor, a sabedoria do coração, a alegria, a liberdade. O projeto é “de instaurar sobre a terra a *Cidade de Deus*”²¹,

¹⁶ Id., *ibid.*, p.105.

¹⁷ Id., *ibid.*, p.96.

¹⁸ Id., *ibid.*, p.91 e segs.

¹⁹ Id., *ibid.*, p.162.

²⁰ Id., *ibid.*, p.170.

²¹ Id., *ibid.*, p.177.

“consumação da história, na paz e harmonia universal”²², realizando “a única e vera revolução sobre a terra: a espiritual”²³.

Para Dalila, a missão espiritual que parece ter ido assinalada ao povo português é a realização da unidade do mundo sob a égide do espírito, metafórica e historicamente representada pelo diálogo Ocidente – Oriente --- de que as navegações seriam um dos marcos, assim como o desbravamento do território do Brasil. Na opinião da pensadora, essa missão foi retomada contemporaneamente pelos pensadores e filósofos de *A Águia* e da *Renascença Portuguesa*.

A partir das afirmações da estudiosa portuguesa, podemos dizer que, em período mais recente, a vinda ao Brasil a partir da década de 50, no século XX, da chamada *Missão Portuguesa*, importante grupo de intelectuais portugueses que tiveram atuação marcante na vida cultural brasileira, atuando na Universidade de São Paulo; na Universidade de Brasília – da qual alguns foram fundadores, como Endoro de Sousa e Agostinho da Silva; na Universidade Federal da Bahia, para citar apenas algumas das universidades beneficiadas com a presença desses mestres ---- parece traduzir uma nova etapa do projeto de unificação do mundo sob a égide do espírito.

O porte dessa atuação, no Brasil, ainda não foi completamente apreciado. Estudos sobre a *Missão Portuguesa* vem sendo feitos na Universidade Estadual Paulista²⁴, na qual foram editadas as primeiras publicações destinadas a considerar o impacto dessa presença.

A própria Dalila, entre 1959 – 1965, viveu no Brasil e seus escritos, publicados na revista *Cavalo Azul*, assim como a dedicatória do livro *A Nova Atlântida* à Dora Ferreira da Silva, mostrou laços estreitos com o *Grupo de São Paulo*²⁵, cujo impacto na vida cultural do país e no estabelecimento de laços com Portugal vem sendo examinados. Certo paralelismo de temáticas e fontes pode ser entrevisto nos escritos de Dalila e Dora Ferreira da Silva e mereceria ser aprofundado.

Em resumo, podemos dizer que, partindo de estudos sobre a viagem dos navegadores, entendida no seu duplo escopo: o de *unificar o mundo*, estabelecendo um diálogo entre o Ocidente e o Oriente, mediante a difusão do Cristianismo; o de *salvar a*

²² Id., *ibid.*, p.178.

²³ Id., *ibid.*, p. 181.

²⁴ LEITE, R.M. e LEMOS, F. (orgs.) *A Missão Portuguesa*. EDUSC/UNESP, 2003.

²⁵ MARCONDES CESAR, C. *O Grupo de São Paulo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

alma, realizando missão de cunho religioso, a *viagem* é progressivamente vista por Dalila como metáfora da missão permanente do povo português, representante emblemático da humanidade em busca de conhecimento e mudança qualitativa de consciência, possibilitando a união entre um saber religioso e a sabedoria do coração.

Examinando, de modo análogo ao procedimento de Eliade, no estudo comparado dos mitos de diferentes povos a expressão e o significado do sagrado, Dalila considera os mitos que narram as viagens iniciáticas dos gregos, dos celtas, dos místicos cristãos e sufis, à luz de tradição neo-platônica de Agostinho e Dionísio Areopagita, quando tratam da construção, no tempo, da *Cidade de Deus*, entendida como tarefa de cada um e de todos os homens. A mudança qualitativa da consciência individual e coletiva é a via da salvação. A pensadora desdobra, assim, os significados simbólicos da viagem como peregrinação no mundo e ascese.

Texto apresentado no quarto Seminário Redenção Escatologia, na Universidade Católica do Porto, em Abril de 2014.

Publicado no dia 26/02/2014

Recebido no dia 15/02/2014

Aprovado no dia 20/02/2014